

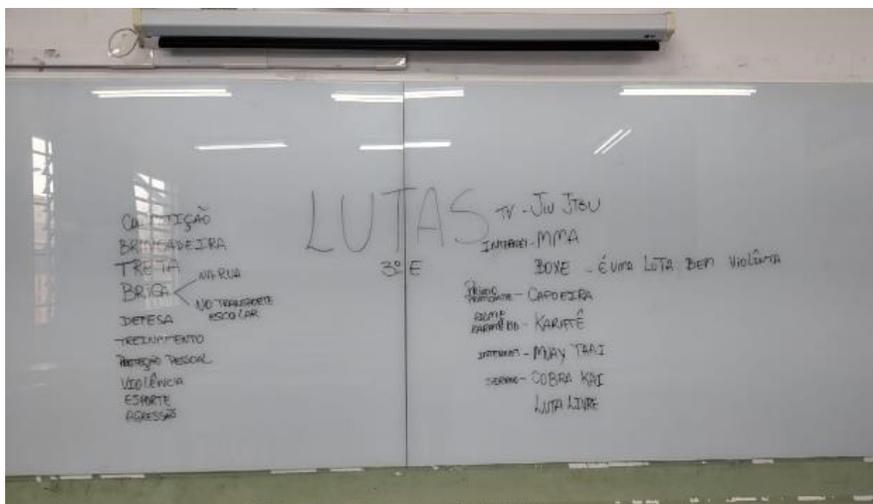
Das aulas na escola ao Coliseu: o boxe na Educação Física

Ariane Ribeiro de Santana

Este trabalho foi desenvolvido durante o primeiro semestre de 2024, na Escola da Prefeitura de Guarulhos Walter Efigênio, situada na região dos Pimentas. A instituição atende crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. A tematização ocorreu na turma do 3º E, período da tarde, com um encontro semanal de 50 minutos. Como foi meu primeiro ano nessa unidade, busquei conhecer melhor a escola e o seu entorno, realizei conversas com servidores, constatei que o projeto educacional trabalhava com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), observei que todas as salas dispõem de equipamentos multimídias, identifiquei espaços disponíveis e materiais pedagógicos de Educação Física que se resumiam a bolas, cordas, tatames, bambolês, cones e coletes. Sempre que possível, caminhava pelo bairro em busca de espaços que promoviam práticas corporais. Localizei academias e uma unidade do Centro de Educação Unificado (CEU), no Parque São Miguel, em Guarulhos.

No acolhimento inicial com os educandos, abri um diálogo para conhecê-los e me apresentar, e assim falarmos sobre a Educação Física. Disseram ser a melhor aula o que gostariam de aprender e ressaltaram a questão dos espaços da escola para as aulas. Ao responderem uma de minhas perguntas sobre o que eles já haviam estudado, percebi a ausência de lutas, danças e ginásticas. Expliquei que essas práticas também compõem as aulas. A turma ficou espantada ao ouvir que o tema lutas poderia ser abordado. A estranheza trouxe muitas interrogações: “mais pode professora lutar na escola?” “A diretora deixa?” Saí daquele encontro decidida a tematizar lutas.

Na aula seguinte, conversei com a turma sobre o tema, anotando o que diziam na lousa.



Fonte: acervo da autora.

Eles queriam demonstrar, através da gestualidade, as lutas que conheciam. Alguns se arriscaram no pequeno espaço entre as mesas da sala. Diante da empolgação, acordamos que na próxima aula lutaríamos na “quadrinha azul”, um espaço externo da escola, onde poderíamos mostrar o que sabiam. No encontro seguinte organizamos os tatames no chão e fizemos um círculo ao redor. Quem quisesse iria ao centro e demonstrava suas técnicas. De início, estavam preocupados com a performance. Para deixá-los mais à vontade, expliquei que o interessante seria a experiência. Aos poucos, o grupo foi se soltando e em um determinado momento da aula notei que uma nova organização surgiu: o amigo mostrava o golpe e os demais reproduziam. Deixei fluir porque percebi que ficou confortável e a experimentação chegou a todos.

Pude observar que grande parte dos educandos iniciavam suas apresentações com socos e mencionavam o boxe. Talvez, tentando imitar a recente luta Popó *versus* Bambam¹. Outros golpes também retirados de jogos e filmes foram exibidos. Ao final da aula, conversamos como foi a experiência, eles falaram da vergonha inicial, mas que depois foi divertido. Questionei se o que fizemos era luta e as opiniões se dividiram entre, sim, estávamos conhecendo golpes de lutas, mas outros falaram que não, porque para ser luta teria que ser entre duas pessoas e haver um vencedor. Uma aluna finalizou a discussão: “é luta sim, porque luta não é só ir lá e bater e ver quem ganha

¹ Disponível em: <https://ge.globo.com/combate/noticia/2024/02/25/fms-4-popo-atropela-bambam-e-nocauteia-em-36-segundos-de-luta.ghtml>

eles estudam os golpes antes. E hoje conheci um monte de golpes estranhos e golpes certos de algumas lutas”.

No encontro seguinte, levei várias fotos baixadas da internet que aludiam ao que fora mencionado na primeira aula, mostrando brigas e lutas variadas. Surgiram falas pejorativas sobre o boxe, considerado uma luta violenta: “é uma pouca vergonha e o pior é que ainda passa na televisão” e “tirar sangue de uma pessoa é bonito?”. Conversamos sobre isso. Também identificaram detalhes como os equipamentos empregados e posturas dos lutadores. Referindo-se a uma das imagens, um estudante obteve a concordância de alguns colegas quando afirmou: “isso não é luta, é briga!”. Houve quem discordasse: “mas tem soco, então é luta”. Diante do conflito de ideias, outro educando entra na conversa: “eles estão se batendo, não é luta, mas tem soco” e um terceiro aponta: “por ter soco, pode ser luta, mas soco sem luvas não é boxe, só se o lutador estiver treinando”.

Aproveitei a discussão para provocar: “é briga ou luta, turma?”. Alguns afirmam que era luta, já desinteressados e ansiosos para as próximas imagens. Na tentativa de manter o diálogo, insisti e pedi que distinguíssem briga e luta. Começaram a descrever que, por ser na rua, era briga, e que a luta tem certas características: tatame, ringue, roupas específicas, luvas etc. Constatei que se remetiam às imagens anteriores. Um aluno comentou que na foto da briga na van escolar há xingamentos e que na luta não, pois vence o mais forte. Perguntei se na imagem da briga na van alguém venceu. A resposta foi: “o mais esperto”. Em meio aos risos, uma garota se manifestou: “Tem vencedor nada, porque a tia da perua quem sempre resolve ou chama a mãe”. As risadas explodiram e voltamos aos slides. Enquanto alguns reconheceram situações abordadas nas próprias falas da aula anterior, outros conheceram detalhes das lutas. O diálogo estimulado a cada imagem fez com que escutassem uns aos outros. Isso tudo me motivou a firmar a tematização do boxe.

Iniciei a aula da semana seguinte comunicando à turma que estudaríamos o boxe: “como vamos estudar o boxe?” “Vou poder dar soco no meu amigo?” “A diretora vai deixar?” “Meu pai não vai gostar, professora!” Respondi que descobriríamos juntos se o boxe é sobre dar soco no colega, se estudar boxe será desconfortável para a diretora e os pais, e o porquê desse receio. Apresentei um vídeo Popó que explica as regras e golpes do boxe. Puderam observar a desvantagem entre o tempo de *rounds* feminino e masculino e ficaram ansiosos para executar os golpes. Ao final da aula, perguntei se era possível estudar lutas na escola. “Ah professora, assim tudo bem, mas vou poder socar meu amigo?” Direcionei a pergunta à turma e muitos disseram que

não. O Popó demonstrou que a gente pode fazer de mentirinha. Complementei que através daquele vídeo foi possível conhecer melhor um lutador de boxe.

Propus no encontro seguinte a realização dos golpes que conheceram no vídeo. No início a turma não se entendia ainda no espaço, buscavam por uma organização e a atividade não fluía. Perguntei se alguém tinha guardado algum dos golpes e eles foram mostrando, quem lembrava demonstrava e os demais reproduziam e, por fim, lembramos do: *jab*, direto, cruzado e *Upper*. Depois disso, deixei a turma à vontade experimentando. Eles se dividiram em grupos, duplas, trios e criaram atividades como simulação de uma luta de boxe, sequências com os golpes e um grupo adaptou a brincadeira “vivo ou morto” com os golpes. Para terminar, organizei uma apresentação de que fora experimentado. Um trio criou situações de ataque e defesa. Todos quiseram experimentar. Notei uma vontade de aplicar força nos golpes, alguns até queriam ter luvas de boxe. Pedi para que pensassem durante a semana em uma adaptação, pois conversaríamos a respeito na próxima aula.



Fonte: acervo da autora.

Quando nos reencontramos, alguns alunos disseram ter praticado os golpes em casa, no travesseiro, no encosto do sofá, pois eram macios e não machucavam. Lembrei-os do desafio lançado na semana anterior. Como lutar boxe na escola? Um aluno disse que aplicou os golpes em

uma sacola plástica de supermercado. Todos amaram a ideia, mas na ausência de sacolas, usaram a sobra das bexigas que a professora da sala utilizara.



Fonte: acervo da autora.

O resultado foi ótimo, alguns golpes executados com sucesso, outros nem tanto. Alguns alunos se cansaram da atividade, dizendo que o material ainda era leve. Mesmo assim observaram a semelhança da bexiga com o *punching bal*. Finalizei a aula solicitando à professora da sala que nos ajudasse a pesquisar sobre o boxe no *netbook*, mas a turma também poderia consultar amigos e familiares. Não determinei um aspecto em específico, deixei aberto para sentir da turma como eles conduziriam. O desejo de uma aplicação mais potente dos golpes aumentava e observei que os equipamentos da modalidade começam a ser citados. Fiquei entusiasmada em organizar uma aula com esses recursos.

O retorno foi muito positivo, um aluno pesquisou com os pais, um com a professora regente e ambos trouxeram nomes de lutadores famosos como Mike Tyson e Maguila. Os demais realizaram a pesquisa pela internet, onde acessaram a história do boxe (o aluno leu para turma) e nomes de alguns boxeadores homens, equipamentos, vestimentas e acessórios do boxe, como o saco de pancada, faixas, luvas, capacete, cinturão e o protetor bucal.



Fonte: acervo da autora.

No encontro seguinte, sugeri adaptarmos o tatame para podermos golpeá-lo com força, pois continuavam eufóricos. Semanalmente, relatavam que os treinos continuavam em casa e nos intervalos da escola, quando golpeavam as mochilas e simulavam com os colegas. Interessante observar que as aulas sempre eram assistidas por lentes curiosas e questionadoras.



Fonte: acervo da autora.

Senti esses olhares desde a entrega do planejamento anual até o último dia de estudo das lutas. Primeiro, o espanto foi por ser lutas, depois, por ser boxe. Diariamente ouvi que “essas crianças já são violentas, professora”, “já vivem brigando”, “você não tem medo dos pais

reclamarem?”. Respondia baseada nos conhecimentos acessados nas aulas, mencionava nossas conversas, convidava a olharem até mesmo as lutas, mostrava fotos. Em todo o processo, me sentia vigiada, mas no geral respeitaram meu espaço e segui forte com a tematização, pois assim como os alunos eu também estava bastante envolvida.

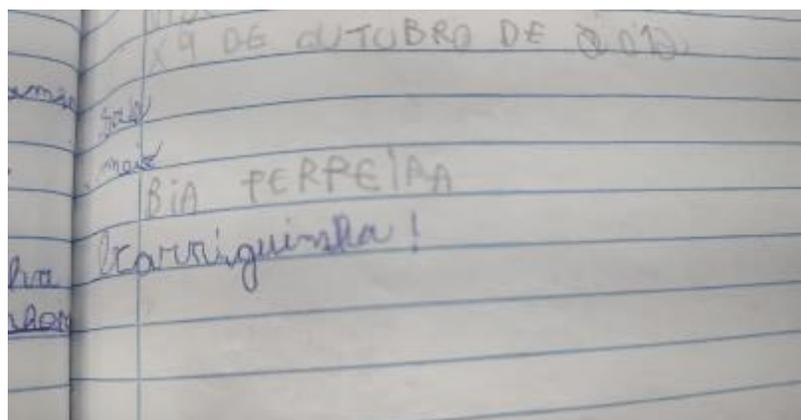
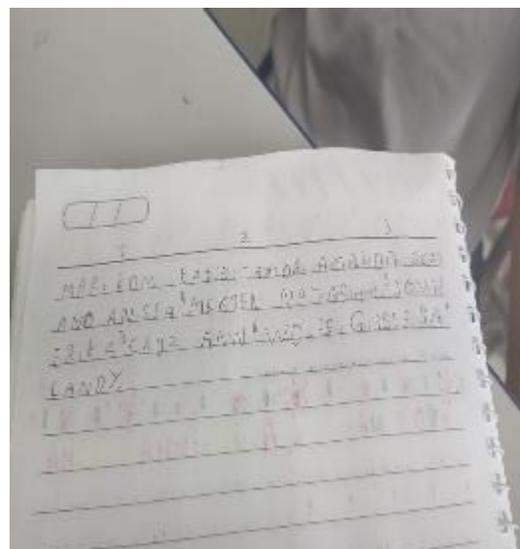
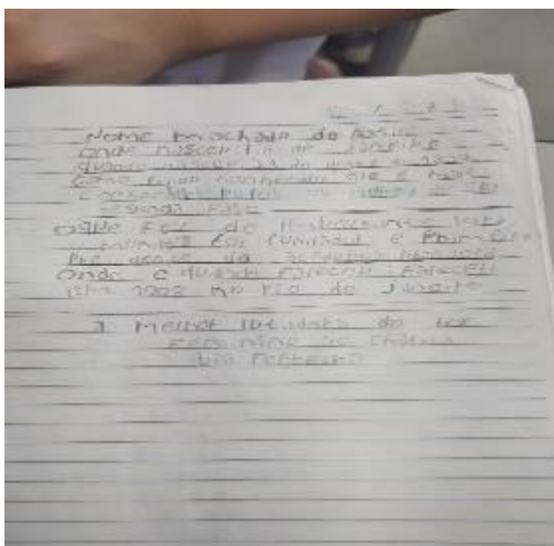
Todos golpearam os tatames. Também testei e para mim foi confortável. Incomodava de acordo com a força aplicada e os alunos perceberam essa dinâmica. Terminavam cansados e comentando a força que aplicaram no tatame. No final eles se expressaram sobre a experiência e uma fala me chamou a atenção: “boas essas aulas professoras, que ensina a gente a se defender na rua, quem vier agora eu já dou um *upper* e é nocaute.



Fonte: acervo da autora.

Conversando sobre a tematização, perguntei como estavam sendo as aulas: “nunca pensei que todos aqueles socos tinham nomes diferentes”, “que a defesa é bem mais difícil do que o ataque”. Nesse diálogo abordei a ausência de outros praticantes de boxe para além da figura masculina. Surgiram falas como: “não conhecemos porque poucas mulheres lutam”, “eu não me interessava muito por luta feminina, gosto mais de ver os meninos, eles são mais fortes”, “eu nem gosto de luta”, “professora, acho que é porque luta machuca demais e as meninas não querem aprender”. Uma colega reagiu ao último comentário, disse que realmente ela não gostaria de levar um soco, mas que estava gostando de aprender boxe na Educação Física. Dentre as inúmeras falas,

uma me atravessou fortemente: “é porque as mulheres têm muitas outras coisas pra fazer, cuidar dos filhos, casa, trabalhar e com isso não dá tempo de fazer essas coisas diferentes”. A estudante referiu-se à experiência da mãe que sempre fala que não tem tempo para fazer nem academia. Ao final, um grupo propôs pesquisar sobre mulheres no boxe. A professora regente novamente cedeu suas horas semanais de informática para pesquisa. Assim como combinado, trouxeram anotações de nomes de mulheres no boxe.



Fonte: acervo da autora.

Abrimos as imagens das lutadoras citadas e perguntei como foi a pesquisa. Em grande parte, as meninas apresentaram. Uma delas explicou que estava difícil achar porque quando jogava lutadora de boxe no Google, surgiam modelos famosas fazendo boxe para emagrecer e não uma lutadora profissional. Bia Furtado apareceu em muitas pesquisas. Realizando minha própria busca,

encontrei a primeira possível participação feminina em uma luta de boxe, segundo a notícia². Julguei interessante ler em voz alta o trecho que trata da primeira aparição feminina no boxe e como ela se deu. Mostrei as fotos das boxeadoras Elizabeth Wilkinson, Barbara Buttrick e Marian Trimiar e relatei suas histórias, o fato de Barbara Buttrick ser a primeira mulher a ganhar um campeonato mundial de boxe e fundar a Federação Mundial de Boxe Feminino em 1960, sua disputa nos tribunais, onde foi necessário pedir licenças para as mulheres lutarem, a greve de fome da boxeadora Marian Trimiar, e o tempo que levou para oficializar o primeiro campeonato de boxe feminino e a inclusão da modalidade nos jogos olímpicos.

A informação da greve de fome das boxeadoras deixou a turma espantada: “nossa, ela teve que parar de comer pra ter boxe de menina?” Expliquei que foram necessárias todas aquelas ações mencionadas nas aulas para acontecer o boxe feminino. Convidei a pensar sobre porque era difícil conhecer mulheres que lutam. Chamei a atenção para as próprias experiências: “se a TV mostrava lutas de boxe feminina?” “se foi rápida a pesquisa na internet sobre o boxe feminino?”

Aproveitei para comparar os dados históricos que um aluno trouxe, quantos anos transcorreram até que as mulheres pudessem participar oficialmente dos torneios. Um aluno lembrou que isso também aconteceu no futebol, que demorou para ter copa de futebol feminino.

Saltei para uma referência feminina mais atual e próxima da realidade das crianças, uma lutadora de boxe de Guarulhos, Lila Furtado. Mostrei sua foto e fiz um breve comentário ao seu respeito, apresentando-a como atual campeã brasileira e latino-americana pelo Conselho Nacional de Boxe (CNB) e que treina no Coliseu Boxe Center. As crianças ferveram quando viram que ela era de Guarulhos e que treinava no bairro. Muitas perguntas surgiram e vontade de vê-la lutar: “será que ela vem na escola?”, “passa o endereço dela professora”. Finalizamos aquele encontro assistindo a um round de uma luta em que Lila venceu.

² Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/mma/dos-tribunais-aos-jogos-olimpicos-conheca-historia-do-boxe-feminino-24834385.html>



Fonte: acervo da autora.

Dignas de nota as manifestações sobre a figura feminina no boxe: “essa não tem medo de soco”, “essa roupa, professora, que linda”, “nossa ela é forte, na foto ela parece fraquinha, mas lutando ela é muito boa”, “e esse espaço professora, aqui do bairro, onde ela estuda, onde fica?”, “pode ir qualquer dia?”. Prontifiquei-me a buscar as respostas às questões e passei a ser cobrada sempre que me viam nos corredores da escola.

Passei a conhecer o Coliseu Boxe Center através de uma aluna do 5º ano que havia frequentado, mas estava distante da prática. Por timidez, não aceitou o convite para conversar com a turma do 3º ano. Pesquisei sobre o espaço, entrei em contato e agendei uma visita. Compareci na data agendada, expliquei as razões do meu interesse e propus uma visita das crianças ao Coliseu ou a ida de alguns praticantes à escola. Coincidentemente, no dia em que eu fora, a Lila ministrava aulas de vôlei. Consegui conversar com ela muito rapidamente sobre a tematização do boxe e as intenções da minha visita. Como os responsáveis pela instituição se mostraram bem solícitos e se colocaram à disposição para as duas opções apresentadas, levei à coordenadora pedagógica da escola a oportunidade da ida dos educandos até o Coliseu. Ela pediu que elaborasse uma justificativa escrita para a realização da atividade, o que foi prontamente atendida.

Na aula seguinte projetei no telão e fiz a leitura uma matéria³ da lutadora Amanda Serrano, em específico, seu relato sobre as dificuldades que sofre por ser uma lutadora mulher. Aproveitei para ler junto com a turma o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº 5 “Igualdade de Gênero”, que direciona o projeto da escola. Convidei o grupo a refletir sobre nossas aulas, se todos

³ Disponível em: https://www.espn.com.br/mma/artigo/_/id/12959324/campea-mundial-boxe-amanda-serrano-abre-mao-cinturao-protesto-igualdade-genero

estavam lutando boxe. Um garoto destacou que pelo menos no boxe isso não acontecia, mas já aconteceu deles não quererem meninas quando montavam times para jogar futebol ou queimada.

Na aula seguinte assistimos a um vídeo em que usuários de cadeiras de rodas lutam e sonham com a possibilidade de que o boxe se torne uma modalidade paralímpica.

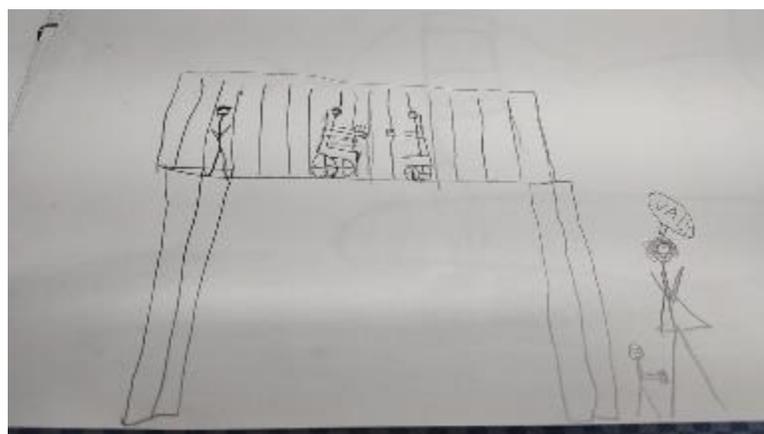
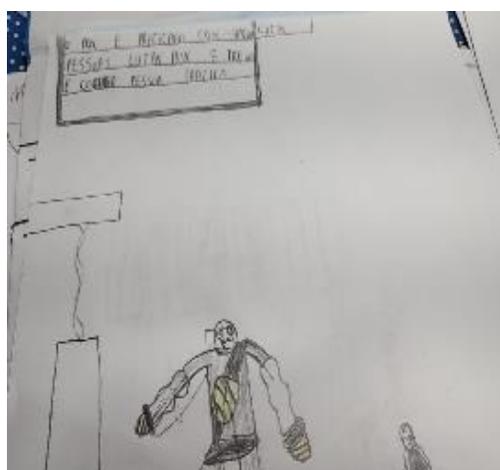
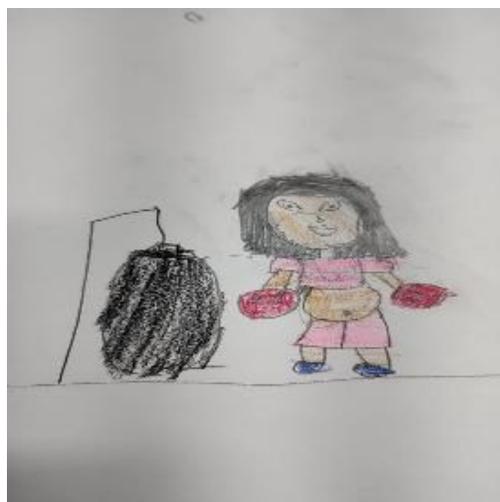
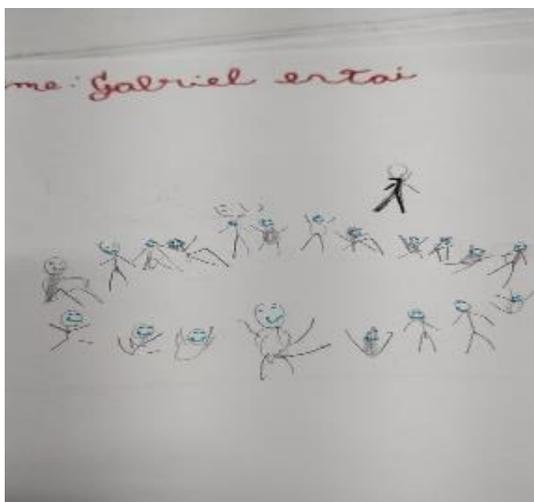


Fonte: acervo da autora.

Surgiram novas perguntas sobre quem pratica boxe e se crianças poderiam fazer boxe. Conversamos sobre preconceito com pessoas com deficiência e pessoas gordas e negras. Na outra semana, a turma foi apresentada a imagens de pessoas praticantes de boxe gestantes, idosos, crianças, anões e pessoas gordas. Ficaram impressionados. Alguns disseram começariam a praticar porque não imaginavam que crianças também poderiam fazer boxe.

Em relação à visita ao Coliseu, percebi que era uma novidade a Educação Física organizar esse tipo de atividade, mesmo sendo algo muito comum na escola. Naquele bimestre, a escola tinha realizado três visitas em espaços diferentes: farmácia, academia, com turmas da educação infantil, e correios com uma turma do 3º ano. As resistências começaram a aparecer, mas sempre que percebia a coordenadora receosa com a proposta, buscava facilitar o processo para que a mesma percebesse a visita como uma atividade educacional, pois muitas vezes nas nossas conversas ela se confundia com um passeio.

Na aula seguinte solicitei aos educandos que escrevessem ou desenhassem o que estavam entendendo das nossas aulas. Observei que cada educando foi atravessado pelo boxe de diferentes formas.



Fonte: acervo da autora.

Como não recebi retorno da coordenação, tentei agendar a ida da Lila à escola, mas ela estava com bastante demanda naquele período. Soube que o documento que elaborei foi enviado à Secretaria de Educação, mas tive que esperar o fim dos Jogos Escolares Municipais para a finalização do trâmite. O momento coincidiu com o início do recesso escolar. Como havia explorado bastante o tema e estava cansada de tentar convencer a coordenação, decidi encerrar os estudos e expliquei que a Lila não poderia nos atender e a visita não seria possível. A turma ficou chateada, mas compreenderam, pois, desde o início conversamos que as tratativas poderiam dar certo ou não. Nos despedimos do boxe com uma conversa sobre tudo o que aconteceu. A turma expressou de diferentes formas, que foi tranquilo, mas que queriam lutar mais: “se a gente não estudasse não saberíamos que até crianças poderiam praticar boxe”, “que o boxe não é violento sempre”, “nada a ver mulher ser mais fraca que o homem”, “na escola dava sim pra estudar lutas”. Sugerir que procurassem conhecer Coliseu com os familiares, pois é de fácil acesso e o espaço recebe vários eventos.

Ainda impactada com as escritas, desenhos e falas dos educandos, mostrei à coordenadora e expliquei o que significavam as mulheres lutando, a roda de amigos conversando, pessoas em cadeiras de roda, tatames, narrei a tematização do boxe e argumentei o quanto estava plausível o olhar das crianças sobre a temática, que se alinhava ao projeto da escola e aos ODS, ressaltando o quanto a visita ao Coliseu seria importante, pois teriam à disposição materiais que não tivemos acesso, além de interagirem com profissionais e praticantes. Ela prometeu retomar o assunto após o recesso, quando já teria a autorização da Secretaria de Educação.

Voltamos do recesso e os alunos ainda falavam do boxe: “pro, vamos fazer a atividade do tatame?” “Professora, a Bia Ferreira vai lutar nas olimpíadas, e lá vamos conhecer mais lutadoras”. Nem todos haviam voltado de férias e nesse dia eles reviveram os golpes. As manifestações me provocaram a tentar a visita mais uma vez. Entrei em contato com coordenador de Educação Física da rede municipal e ele me esclareceu que o empecilho era o transporte e ele não tinha como intervir nisso, uma vez que o trâmite é feito pela escola. Procurei a coordenadora e conversamos sobre a visita, perguntei que se eu conseguisse o transporte, a visita seria autorizada. Ela disse que sim. Com ajuda do secretário escolar que tem contato com os responsáveis pelas peruas escolares, ele conseguiu um motorista que faria o trajeto voluntariamente. A coordenadora autorizou a visita para semana seguinte e se prontificou a cuidar das autorizações junto às famílias e combinar com a professora regente. Comuniquei a notícia aos responsáveis pelo Coliseu.

Na semana da visita, outras objeções surgiram: me informaram que eram necessárias, por precaução, novas autorizações da supervisão escolar, da Secretaria de Educação e a documentação da van escolar que transportaria as crianças. Diante da situação, questionei se essa documentação foi necessária para as visitas pedagógicas já realizadas pela escola em períodos anteriores. O que me explicaram é que isso tudo era para precaução e, mesmo assim, continuei sem entender. Como ainda não havia uma resposta definitiva, precisei cancelar a visita ao Coliseu. Informei sobre o cancelamento da visita ao Coliseu, também conversei com o responsável pelo transporte e finalizei demonstrando minha indignação com a falta de clareza dos retornos sobre o assunto porque isso influenciou no meu planejamento e na minha prática docente.

Dias depois desse diálogo, a autorização da visita aconteceu sem nenhuma objeção, recebi o retorno de que tudo estava certo, eu só precisava comunicar ao Coliseu e se ainda era do meu interesse a visita acontecer. Entrei em contato com o Coliseu, remarquei a visita, contei com a ajuda da professora regente novamente em dar a notícia aos alunos e cuidar das autorizações dos pais, pois eu não teria contato com as crianças antes da visita, e não quis arriscar deixar mais pra frente e perder a oportunidade. Os alunos iriam sem que tivéssemos combinado, nem explicado como seria a visita, assim o local também se organizou para nos atender dentro de suas possibilidades.

Depois de muito tempo, cerca de 4 meses, o grande dia chegou e ali, na hora, decidimos juntos, eu e a equipe do Coliseu, dentro o tempo que tínhamos de visita, o que apresentáramos às crianças. Elas fizeram uma aula de boxe com o professor, conheceram a história do espaço e participaram de uma roda de conversa. Admiravelmente, as crianças centraram na oportunidade, aproveitaram cada troca, lembraram do que aprenderam, desde os fundamentos básico do boxe às questões levantadas durante a tematização. Perguntaram sobre as mulheres praticantes de boxe, se havia praticantes usuários de cadeiras de rodas ou com alguma deficiência e como fariam pra estudar boxe no Coliseu. Perguntas sobre premiações, cinturões, troféus, também aconteceram. Aproveitei para perguntar diretamente a um lutador uma pendência que deixei passar: “quais as consequências se um lutador utilizar dos seus conhecimentos para um conflito, como uma briga de rua?” O assunto fora mencionado por alguns educandos, mas percebi não sido devidamente abordado. A oportunidade de um profissional falar sobre isso teve um peso muito importante para as crianças. Com a narração de uma história pessoal, falou sobre as consequências e a ética profissional. Durante a visita, os deixei à vontade, quem quisesse praticar ou só observar, quem tivesse pergunta, todos se envolveram, mesmo que de diferentes maneiras.



Fonte: acervo da autora.

Ao finalizar a visita e ver as crianças entusiasmadas e como se posicionaram no espaço e o aproveitamento de todos com a proposta, percebi o tamanho daquele processo e do seu alcance formativo. Quando retornamos à escola, segui com as minhas aulas do dia e nas trocas de turmas observei as crianças no intervalo, lutando, comentado com os colegas das outras salas ou contando para diretora da escola como foi a experiência. Foi gratificante perceber a visão da escola mudando em relação às aulas de Educação Física, pois agora as perguntas e os olhares nos corredores da escola são positivos em relação àquelas “aulas estranhas”.